

A IMPORTÂNCIA DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA DE GESTÃO FINANCEIRA EM MICROEMPRESAS: UMA ANÁLISE EM UM RESTAURANTE FAMILIAR

Allynne Raquel Oliveira Santos Laranjeira¹

Fabício Vasconcelos Ribeiro²

RESUMO

Este artigo retratou sobre a importância do uso do fluxo de caixa em microempresas, por ser uma ferramenta simples e que permite ao gestor realizar uma gestão financeira mais eficaz. O objetivo geral desta pesquisa foi verificar como o uso do fluxo de caixa auxiliou na gestão financeira de uma microempresa e os objetivos específicos foram: conceituar e descrever a relevância do fluxo de caixa como ferramenta de gestão; elaborar um fluxo de caixa através dos ingressos e desembolsos coletados entre Junho e Novembro de 2021 e evidenciar a importância da utilização do fluxo de caixa para controle da situação financeira. Com o intento de responder ao problema de pesquisa: “Como o uso do fluxo de caixa auxilia na gestão financeira de uma microempresa?” os métodos utilizados consistiram em uma pesquisa com uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, bibliográfica, análise documental e estudo de caso. A microempresa examinada foi um restaurante familiar, e era a proprietária que fazia a gestão do negócio, mas ela não utilizava nenhuma ferramenta de controle financeiro, por esse motivo, foram coletados os dados referentes a movimentação do caixa nos meses de Junho a Novembro de 2021 que foram anotados em uma agenda. A partir do acesso às informações do caixa foi feito um fluxo de caixa adaptado ao método direto e com base no fluxo de caixa foi possível utilizar alguns indicadores financeiros e, assim, a gestora teve conhecimento sobre a real situação financeira do restaurante.

Palavras-chave: Fluxo de Caixa. Microempresa. Gestão Financeira.

ABSTRACT

This article portrays the importance of using cash flow in microcompanies, as it is a simple tool that allows the manager to perform a more effective financial management. The general objective of this research was to verify how the use of cash flow helped in the financial management of a microenterprise and the specific objectives were: conceptualize and describe the relevance of cash flow as a management tool; elaborate a cash flow through the income and disbursements collected between June and November 2021 and highlight the importance of using cash flow to control the

¹ Graduanda do Curso de Administração da UniSales - Centro Universitário Salesiano. E-mail: allynne.r17@gmail.com.

² Economista e Administrador. Gestão e Análise de Processos e Logística. E-mail: fvribeiro@ucv.edu.br.

financial situation. With the intent of answering the research problem: "How does the use of cash flow assist in the financial management of a microenterprise?" the methods used consisted of a research with a qualitative approach, descriptive and exploratory, bibliographic, document analysis and case study. The microenterprise examined was a family restaurant, and it was the owner who managed the business, but she did not use any financial control tool, for this reason, data were collected regarding the cash movement in the months from June to November 2021 that were noted in a diary. From the access to the cash information it was made a cash flow adapted to the direct method and based on the cash flow it was possible to use some financial indicators and, thus, the manager had knowledge about the real financial situation of the restaurant.

Keywords: Cash Flow. Microenterprise. Financial Management.

1 INTRODUÇÃO

No contexto que as instituições fazem parte, um ambiente de incertezas, concorrência, e mudanças tecnológicas, é indispensável que as corporações se mantenham em constante evolução para conseguir atender as imposições do mercado, e para isso ser possível, as entidades necessitam manter a administração financeira em dia. No Brasil, as microempresas executam um papel significativo na economia, mas ainda necessitam de mais atenção quanto ao seu processo de gestão, pois muitas delas não utilizam as ferramentas essenciais para uma gestão financeira eficaz.

Para não ocorrer falhas na gestão financeira, o gestor deve fazer o controle minucioso das suas finanças, se planejar e utilizar os instrumentos existentes que forneçam informações relevantes e sirvam como base para tomada de decisões mais assertivas, e uma ferramenta de destaque para o controle dos recursos financeiros de um estabelecimento é o fluxo de caixa, que foi o tema deste estudo. Gitman (2004) declara que é pelo fluxo de caixa que uma empresa se mantém ativa, e é dever do gestor financeiro acompanhar o fluxo de caixa para garantir que a organização cumpra seu papel que é pagar suas dívidas em dia e dar retorno positivo para seus proprietários.

Por essa razão, para que os gestores consigam realizar uma gestão eficiente, é primordial o uso de ferramentas e boas práticas de gestão, necessárias para o entendimento do negócio e efetividade da empresa. Com base na delimitação do tema, o problema de pesquisa foi: "Como o uso do fluxo de caixa auxilia na gestão financeira de uma Microempresa?".

Para responder a questão da pesquisa, o trabalho teve como objetivo geral verificar como o uso do fluxo de caixa auxiliou na gestão financeira de uma microempresa e os seguintes objetivos específicos: conceituar e descrever a relevância do fluxo de caixa como ferramenta de gestão; elaborar um fluxo de caixa através dos ingressos e desembolsos coletados entre Junho e Novembro de 2021 e evidenciar a importância da utilização do fluxo de caixa para controle da situação financeira.

O presente artigo foi realizado em um restaurante de gestão familiar, e a gestora não fazia uso de nenhuma ferramenta de gestão, mas ela que conduzia o negócio e realizava todas as compras dos insumos necessários para a produção. Para alcançar os objetivos deste artigo, foi feito uma pesquisa descritiva e exploratória com uma

abordagem qualitativa e o método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, análise documental e estudo de caso.

O estudo justificou-se por ser um meio de evidenciar aos microempreendedores a significância do emprego do fluxo de caixa no dia a dia e o quanto essa ferramenta contribui na tomada de decisão e para avaliação e controle das finanças do empreendimento. Portanto, a utilização do fluxo de caixa possibilita ao microempreendedor realizar um gerenciamento financeiro mais eficiente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, serão apresentados os tópicos consultados nos livros, artigos, monografias e outros trabalhos científicos já publicados, que serviram como embasamento para a construção deste estudo.

2.1 MICROEMPRESA

Segundo Bortoli (2020, p. 8), “empresa é uma palavra com definição de organização econômico-social que possui um objetivo e explora o mercado de bens e serviços”. Por meio da Lei nº 7.256/84, mais tarde revogada pela Lei nº 9.841/99, originou-se a designação de Microempresa, buscando cumprir o que foi determinado na Constituição Federal nos artigos 170 e 179, que promulga a abordagem favorecida às microempresas e às empresas de pequeno porte (CUNHA; SOARES, 2010).

Para Padoveze e Martins (2014), empresas são formadas com diferentes finalidades, mas de modo geral, relacionam-se à fabricação e vendas de mercadorias ou serviços, o prefixo micro e o adjetivo pequena que designam o tamanho de uma entidade, estão correlacionados a duas especificações básicas: número de colaboradores e rendimento bruto.

2.1.1 Classificação das microempresas

Padoveze e Martins (2014) esclarecem que cada país segue um critério que mais se enquadra em sua realidade de mercado para qualificar as instituições. No Brasil, a Lei Geral nº123/2006 distingue os negócios com base no faturamento bruto anual, conforme mostra o quadro 1.

Quadro 1 - Especificação dos estabelecimentos com base no faturamento anual

Classificação	Receita bruta anual
Microempreendedor Individual	Até R\$ 81.000,00
Microempresa	Igual ou inferior a R\$ 360.000,00
Empresa de Pequeno Porte	Superior a R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 4.800.000,00

Fonte: Brasil (2006).

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) qualifica os negócios segundo o número de funcionários, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 - Classificação dos estabelecimentos segundo porte

Porte	Setores	
	Indústria	Comércio e Serviços
Microempresa	até 19 funcionários	até 9 funcionários
Pequena empresa	de 20 a 99 funcionários	de 10 a 49 funcionários

Fonte: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2017).

2.1.2 Lei geral nº 123/2006

Conforme o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2018), para normalizar a abordagem específica e beneficiada às Microempresas (ME) e Empresas e Pequeno Porte (EPP), criou-se a Lei Geral nº. 123, de 14 de dezembro de 2006, que tem como objetivo estimular a expansão e o desenvolvimento dessa categoria para formar serviços, repartição de renda, colocação de indivíduos excluídos do meio social, atenuação da informalidade e fortificação da economia.

A Lei Geral confere privilégios como a desburocratização; mais chances de acessar o mercado; agilidade para obtenção de crédito e incentivo à inovação e à exportação, também foi instaurado o regime fiscal, o Simples Nacional, que reduz a carga de impostos e simplifica o procedimento de tributação (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2021).

2.1.3 Importância das microempresas na economia

De acordo com o painel de empresas do SEBRAE, no Brasil existem por volta de 19,2 milhões de empresas, e, desse total, 6,5 milhões são microempresas (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2020). As micro e pequenas empresas cooperam no progresso e avanço da nação servindo como um “colchão” que amortece o desemprego (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2003).

Casali e Treter (2015) ressaltam que as microempresas são cruciais para fomentar o crescimento e fortificação da economia nas áreas ao seu entorno, gerando serviços e renda e, por conseguinte, aprimorando o bem-estar da população. Segundo Dornelas (2008), as microempresas e empresas de pequeno porte executam um papel marcante na sociedade, pois elas estão rompendo entraves comerciais e culturais, globalizando, criando novos vínculos de trabalho e novos empregos.

Na concepção de Koteski (2004), as microempresas e empresas de pequeno porte são um dos pilares cruciais que sustentam a economia brasileira, seja pela sua enorme capacidade de produzir renda e por sua quantidade de estabelecimentos no país. Sato (2012) complementa que é nítido o valor das microempresas e empresas de pequeno porte na conjuntura econômica, social e político das nações, visto que o capitalismo moderno teve início com as pequenas instituições que operavam de forma

artesanal, mas iniciaram um processo que resultou nos grandes empreendimentos dos territórios industrializados da sociedade contemporânea.

2.1.4 Dificuldades enfrentadas pelas microempresas

Cunha e Soares (2010) manifestam que as microempresas e empresas de pequeno porte são de vital relevância para qualquer país, pois elas concentram grande parte da mão de obra disponível e movimentam todos os setores da economia, destacam ainda as dificuldades que os microempreendedores encontram no processo de escolhas, porque independentemente do tamanho, as decisões tomadas precisam ser planejadas, caso contrário, isso pode impactar no crescimento e consequentemente na continuidade desses empreendimentos.

Segundo Zucchi e Prado (2007), o estilo de direção predominante nas microempresas e empresas de pequeno porte é baseado no conhecimento do proprietário sobre o tipo de negócio, bem como sua experiência com clientes e fornecedores, necessitando de mais conhecimento em administração. Ramos Filho e Altaf (2016), destacam que as micro e pequenas empresas, na maior parte dos casos, são formadas apenas pelo empresário ou com poucos funcionários, tendo como objetivo atender a uma determinada região.

Uma pesquisa feita pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2016) relata que 45% das microempresas formadas em 2012 com até dois anos de atividade decretaram falência, e de acordo com a pesquisa, as principais variáveis que provocam o encerramento dos pequenos negócios são: empresários com pouca experiência no ramo, pouco planejamento do negócio, falta de inovação, falta do rígido controle dos ganhos e desembolsos e carência em capacitação em gestão empresarial do próprio microempreendedor.

Santos, Ferreira e Faria (2009) frisam que as microempresas e empresas de pequeno porte podem ser atrativas para os empresários do ponto de vista de rentabilidade, contudo, se houver uma má gestão financeira no curto prazo pode provocar o encerramento dessas organizações, pois problemas como a falta de preparo dos responsáveis pela gestão, falta de ferramentas qualificadas e pouco conhecimento na área financeira são condições que comprometem a sobrevivência no mercado. Desse modo, Ottoboni e Pamplona (2001) complementam que as microempresas são muito suscetíveis às mudanças do âmbito e por isso carecem do uso de ferramentas gerenciais que possam aperfeiçoar o processo decisório.

2.2 GESTÃO FINANCEIRA

Gitman (2010) define finanças como um método para controlar o dinheiro, ele também afirma que quase todas as pessoas e companhias recebem, desembolsam ou investem dinheiro. A gestão de finanças é um dos pilares mais importantes da empresa, e se ela não estiver bem alinhada, com informações precisas e se não houver um planejamento de caixa é muito difícil que uma organização apresente lucro (SANTOS, 2001).

Para Assaf Neto (2008), a gestão de finanças é um campo de estudo que tem o intuito de assegurar uma melhor e mais efetiva maneira empresarial de captar e alocar recursos de capital. O intento da gestão de finanças é potencializar o valor das empresas em longo prazo e, desse modo, aumentar o lucro de seus proprietários, pois eles investem nas empresas e esperam que o retorno seja compatível com o risco tomado, mediante resultados positivos (HOJI, 2014).

2.2.1 Relevância da gestão financeira

Para Nascimento (2014), independentemente do tamanho de uma empresa, o gestor financeiro é encarregado de gerir o capital de uma organização e garantir que a instituição consiga honrar todos os seus débitos de curto e longo prazo. Rosa e Silva (2011) esclarecem que para uma gestão financeira ser eficaz, é preciso um planejamento dos recursos disponíveis, e para isso o gestor precisa de ferramentas confiáveis que irão auxiliar a tomar as decisões acertadas quanto ao excesso ou sobra de caixa.

As informações financeiras de uma empresa devem ser registradas e acumuladas, pois elas servem para dar suporte e sustentação nas decisões tomadas por gestores (ZEDEBSKI, 2020). Segundo Ramos Filho e Altaf (2016), gerir as finanças de um negócio é geralmente a maior dificuldade dos administradores, pois quando a área financeira está debilitada é difícil que a organização sobreviva, por isso, é essencial que as informações úteis e necessárias para aperfeiçoar o financeiro estejam disponíveis e organizadas.

Para Bortoli (2020), o controle financeiro é uma questão que deve ser seriamente verificada nas microempresas e empresas de pequeno porte, porque com o registro e a administração das entradas e saídas de capital é possível realizar ações estratégicas, e uma correta gestão financeira reduz a ocorrência de erros evitando equívocos causados pelo não monitoramento gerencial.

2.2.2 Forma de gestão financeira nas microempresas

Megliorini e Vallim (2018) mencionam que o administrador financeiro é o encarregado de exercer as funções financeiras da empresa, mas em uma empresa pequena, esse papel geralmente é cumprido pelo próprio dono. Não basta ao gestor de microempresas e empresas de pequeno porte dispor somente o espírito empreendedor, é indispensável saber administrar seu patrimônio, identificar a realidade da sua empresa, reconhecer em que fase ela se encontra e o mercado em que está inserida e, assim, conduzir seus negócios de forma eficaz e favorecer a continuidade do negócio (LOPES et al., 2019).

Em certas microempresas, como a gestão financeira é feita pelo proprietário do negócio, se não houver a separação entre os gastos pessoais e os gastos empresariais, pode ocasionar a perda do controle do dinheiro da empresa, e se as decisões tomadas no cotidiano do estabelecimento forem denominadas como de pouca importância pelo gestor, a área financeira e a permanência dessa empresa no

mercado ficam comprometidas (SILVA; JESUS, 2016).

Segundo Megliorini e Vallim (2018, p. 3), “[...] descuidar da administração das finanças diante de um cenário de incertezas é como ir ao mar sem uma bússola”. Segundo Lopes e outros (2019), a gestão de finanças pode ser vista como um procedimento difícil, mas o empresário deve ter clareza quanto a situação financeira de seu negócio, pois dela consistem todas as movimentações dentro da organização, desde a entrada de insumos inescusáveis para a produção e comercialização, passando por todo processo produtivo até o pagamento dos fornecedores, funcionários e o ganho com as vendas realizadas.

2.2.3 Planejamento financeiro

O planejamento financeiro é um estágio importante nas ações dos empreendimentos porque funciona como um guia para a direção, a disciplina e o controle das decisões que a empresa tomará para alcançar seus objetivos (GITMAN, 2010). Gropelli e Nikbakht (2002) realçam que o planejamento não deve ser feito apenas quando se inicia um negócio, ele deve ser acompanhado e até alterado, se necessário, para se ajustar aos objetivos e metas de curto e longo prazo das empresas.

Para Casali e Treter (2015), o planejamento financeiro em concordância com o propósito e estratégias da empresa permite aos gestores tomarem decisões mais seguras de modo a alcançar os objetivos, nas microempresas o monitoramento do financeiro é crucial para a permanência, diante de uma conjuntura de recorrentes e consideráveis transformações no mercado. Segundo Zdanowicz (2000), o planejamento financeiro é driblar as surpresas e criar alternativas a serem tomadas caso ocorram imprevistos, pois a falta do planejamento é um dos motivos para incidir dificuldades financeiras e até provocar o fracasso de empresas.

Do ponto de vista de Sato (2012), para saber se os resultados organizacionais estão sendo aprimorados é necessário ter um trajeto a se seguir, dessa forma, fica evidente se os gestores estão tomando as melhores decisões e assim comparar o desejado e o realizado. Andrich e Cruz (2013) reforçam que o planejamento, por meio da análise do âmbito interior e exterior, é um fator importantíssimo para o triunfo de qualquer negócio, seja qual for o seu tamanho.

2.2.4 Principais indicadores de diagnóstico financeiro

2.2.4.1 Capital de giro

O capital de giro é o total de dinheiro disponível em caixa que uma empresa precisa ter para funcionar normalmente (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2013). Segundo Luz, A. (2015), o capital de giro é a quantia em dinheiro de que um negócio demanda no curto prazo para fazer frente aos seus compromissos entre a produção, venda e o recebimento, ou seja, até que o dinheiro oriundo pelas vendas entre no caixa novamente.

Segundo Luz, E. (2015), capital de giro é o dinheiro que uma companhia requer no curto prazo para conseguir pagar todas as suas obrigações como pagamentos de fornecedores, impostos e salários dos funcionários, ou seja, ele é utilizado para sustentar a produção, vendas e estoque da instituição. Silva E. (2013) elucida que o capital de giro é também conhecido como dinheiro circulante, pois ele fica girando no interior da organização.

Assaf Neto e Silva (2002) declaram que os momentos atuais de disputa por vantagem competitiva demandam das organizações maior efetividade na administração de seus ativos, visto que um gerenciamento eficaz reduz a demanda de capital de giro, diminui as despesas e consequentemente aumenta as remunerações. Megliorini e Vallim (2018) realçam que uma boa movimentação dos ativos e passivos circulantes assegura a administração competente do capital de giro de uma instituição.

Para Luz, A. (2015), uma empresa precisa de capital necessário para pagar suas dívidas e continuar funcionando, e em microempresas a gestão do capital de giro exige a maior parte do tempo do gestor, pois um descuido pode levar a empresa a não conseguir honrar seus compromissos.

De acordo com o tópico plano financeiro do material do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2013), para alcançar o valor final de capital de giro, se faz necessário calcular os seguintes itens abaixo.

- Estimativa do estoque inicial: é constituído pelos itens indispensáveis à fabricação do produto final ou mercadorias para revenda.
- Caixa mínimo: equivale ao dinheiro que precisa ficar no caixa da instituição até o recebimento das vendas feitas aos clientes.
- Prazo médio de vendas: prazo conferido aos clientes para que eles paguem o que compraram.
- Prazo médio de compras: prazo fornecido pelos fornecedores para pagar os produtos obtidos.
- Necessidade média de estoques: tempo médio que a matéria prima fica nos estoques do estabelecimento.
- Necessidade líquida de capital de giro em dias: é o resultado da diferença entre os recursos do negócio que estão fora do caixa (clientes+estoques) e recursos de terceiros no caixa do estabelecimento (fornecedores).

Logo após, utiliza-se a seguinte fórmula para cálculo do valor final de capital de giro:

Capital de Giro = Estoque Inicial + Caixa mínimo

2.2.4.2 Receitas e custos

Receitas são todos os ingressos monetários originários da operação de venda de produtos ou serviços de uma empresa (ANDRICH; CRUZ, 2013). Conforme Zedebski (2020), a receita é alcançada através da venda de estoque, prestação de serviços e aplicações financeiras.

Veiga e Santos (2017) definem custos como os gastos empregados para a fabricação ou execução de um serviço e também associam os custos conforme o volume de produção, podendo ser: fixos e variáveis.

Conforme Padoveze e Martins (2014, p. 172), os custos fixos “são gastos que ocorrem independente da realização ou não de vendas”, alguns exemplos de custos fixos são o aluguel, energia e salários dos funcionários, e quanto aos custos variáveis “[...] o valor total gasto pela empresa sofre o impacto direto do volume de produção/venda”, exemplos de custos variáveis: matéria prima, embalagens, etc.

2.2.4.3 Margem de contribuição

Megliorini e Vallim (2018) comunicam que a margem de contribuição é alcançada pela diferença entre a receita operacional e os custos e despesas variáveis, é a contribuição dos produtos vendidos para cobrir os custos e as despesas fixas e ainda lucrar, se possível. A margem de contribuição é uma proveitosa informação que permite ao gestor saber qual é o ponto de equilíbrio, ou seja, o faturamento mínimo que uma empresa precisa arrecadar para não operar no prejuízo (PADOVEZE; MARTINS, 2014).

Mediante consulta ao material do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2013), abaixo estão as fórmulas para cálculo da margem de contribuição total e em percentual.

Margem de Contribuição = Receita Total – Custo Variável Total

Índice da Margem de Contribuição = (Margem de Contribuição/Receita Total)x100

2.2.4.4 Ponto de equilíbrio

Bortoli (2020) define ponto de equilíbrio como um indicativo de segurança do negócio, pois informa a quantidade que é necessária vender para igualar as receitas aos custos, que não causará prejuízos para o empreendimento.

O ponto de equilíbrio reflete o quanto um negócio precisa faturar para pagar todos os custos em um período estabelecido, pode ser calculado em itens vendidos, mas quando uma empresa trabalha com uma variedade de produtos ou serviços, é aconselhável o uso do ponto de equilíbrio em faturamento (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2013).

Por meio da consulta ao material do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2013), segue abaixo a fórmula para cálculo do ponto de equilíbrio em faturamento.

PE = Custo Fixo Total/Índice da Margem de Contribuição

2.2.4.5 Lucratividade

Segundo Padoveze e Benedicto (2010), a lucratividade é usada para mostrar a relação percentual entre a margem de lucro em relação às vendas. Conforme o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2013), a lucratividade é um indicativo que mensura o resultado do lucro líquido em relação ao faturamento, é um dos principais indicativos das instituições, pois está ligado a competitividade, porque quanto maior for a lucratividade de uma entidade, maior será a capacidade de disputar, e assim investir em aquisição de novos equipamentos, etc.

Através da consulta ao material do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2013), segue abaixo a fórmula para cálculo da lucratividade.

Lucratividade = (Lucro Líquido/Receita Bruta Total) x 100

2.3 FLUXO DE CAIXA

Fluxo de caixa é o saldo entre a quantidade de ganhos e desembolsos de dinheiro (ROSS et al., 2013). O fluxo de caixa é um mecanismo de planejamento financeiro, que fornece uma avaliação do estado do caixa da entidade em determinada ocasião (SANTOS, 2001).

O fluxo de caixa expõe todos os movimentos de ingressos e dispêndios disponíveis em um tempo estipulado, mostrando o passado ou projetando o futuro, é o relatório que exhibe de forma mais direta o cenário financeiro de uma entidade (ANDRICH; CRUZ, 2013). Zedebski (2020) afirma que pela estrutura e controle do fluxo de caixa é que os gestores acompanham as rotinas operacionais, como por exemplo, quitar as obrigações pontualmente, não deixar recursos ociosos, e garantir o melhor uso de valores para a expansão do negócio com economia.

O fluxo de caixa, titulado em inglês cash flow, são os ingressos e dispêndios de caixa, usualmente de curto prazo, é importante para o responsável pelas finanças, pois com a sua utilização proporciona contar com informações gerenciais, ampliando a visão dos negócios e facilitando essas informações na entidade (ZDANOWICZ, 2004). O fluxo de caixa é o principal meio de coordenar o setor de finanças, porque viabiliza ao gestor planejar, controlar e analisar os movimentos e os investimentos, em um dado momento (SILVA E., 2005).

2.3.1 Utilidade do fluxo de caixa para as empresas

Segundo Pisa e Lemes Júnior (2010), fluxo de caixa é uma planilha financeira que viabiliza a organização, a coordenação e o controle das entradas e saídas de caixa, possibilitando as aplicações dos saldos restantes e a captação de financiamentos quando o saldo disponível não for suficiente para liquidar com suas obrigações. Tachizawa e Faria (2007) comunicam que o fluxo de caixa pode ser elaborado através de planilhas do Excel ou manualmente utilizando-se o livro caixa.

A principal serventia do fluxo de caixa é revelar se organização possui solvência (SANTOS, 2001). Matarazzo (2003) acrescenta que diversas empresas acabam quebrando por não observarem seu fluxo de caixa, quase sempre as causas de quebra e inadimplência sucedem por falta de adequado controle dessa ferramenta, esse fato justifica a importância de sua análise.

Segundo Luz A. (2015), o dirigente financeiro atua conforme o comportamento do saldo do caixa, seja para captar recursos para cobrir as faltas ou buscar melhores alternativas de aplicação do que excedeu. Andrich e Cruz (2013) salientam que devido à desvalorização do dinheiro resultante das variações de políticas monetárias, saber gerenciar com eficiência os pagamentos e recebimentos é indispensável para qualquer instituição.

2.3.2 Informações do fluxo de caixa

Segundo Ching, Marques e Prado (2010), a Demonstração do Fluxo de Caixa é constituída pelas atividades operacionais, de investimento e financiamento, em uma entidade, as atividades operacionais são as mais relevantes, pois abrange as contas do circulante, em seguida, as atividades de investimento e financiamento, respectivamente, pois o investimento que uma empresa faz é mais proveitoso do que o financiamento.

Segundo Gitman e Madura (2003), os fluxos operacionais são as entradas e saídas de caixa associados com a venda e produção do negócio, os fluxos de investimento estão relacionados à compra e venda de ativos e os fluxos de financiamento provém de empréstimo para sustentar o negócio.

Para Padoveze e Martins (2014, p. 167), as atividades operacionais “[...] representa o coração do empreendimento, caracterizado como o resultado das operações normais”, as atividades de investimento focam no futuro da empresa, são aplicações em ativos imobilizados, intangíveis e de caráter permanente, e as atividades de financiamento compreende todas as movimentações que auxilia a corporação de capital.

2.3.3 Formas de produzir o fluxo de caixa

De acordo com Silva J. (2001), o fluxo de caixa detalha todas as movimentações de quantias monetárias através das entradas e saídas, podendo ser feito de acordo com informações do passado ou projetando informações futuras de um dado momento, isto é, o fluxo de caixa realizado ou o fluxo de caixa projetado, esses dois fluxos determinam eventuais variações e auxiliam no uso dos recursos financeiros do negócio.

Segundo Ching, Marques e Prado (2010), o fluxo de caixa é possível ser feito de duas maneiras: de forma direta ou indireta. O fluxo de caixa direto é produzido por meio das informações procedente das operações, já o fluxo de caixa indireto, por sua vez, é iniciado pelo lucro líquido do exercício (ZDANOWICZ, 2004).

Para uma gestão financeira acertada, é vital o uso do fluxo de caixa, e cada empresa deve escolher o modelo que melhor atenda a sua necessidade, com informações exatas e claras (LUZ, A., 2015).

A figura 1 apresenta um exemplo de fluxo de caixa de Zdanowicz (2004), em que é feito a comparação entre as movimentações projetadas, com as que já foram realizadas e a defasagem entre o projetado e o realizado.

Figura 1 – Modelo de fluxo de caixa

ITENS	JANEIRO			FEVEREIRO			MARÇO			...			TOTAL		
	P	R	D	P	R	D	P	R	D	P	R	D	P	R	D
1. Ingressos															
Vendas à vista															
Cobrança em carteira															
Cobrança bancária															
Desconto de duplicatas															
Vendas de itens do Ativo Permanente															
Aluguéis recebidos															
Aumento do Capital Social															
Receitas financeiras															
SOMA															
2. Desembolsos															
Compras à vista															
Fornecedores															
Salários e ordenados															
Compras de itens do ativo permanente															
Energia elétrica															
Telefone															
Manutenção de máquinas															
Despesas com vendas															
Despesas tributárias															
Despesas financeiras															
OUTROS															
SOMA															
3. Diferença do período															
4. Saldo inicial do caixa															
5. Disponibilidade acumulada															
6. Nível desejado de caixa															
7. Empréstimos a captar															
8. Aplicações no mercado financeiro															
9. Amortizações															
10. Resgates															
11. Saldo final de caixa															

Fonte: Zdanowicz (2004).

No modelo de fluxo de caixa exposto acima, são apresentadas três colunas, referente aos valores projetados, realizados e a defasagem, esses valores podem ser absolutos ou relativos, de acordo com o tipo de dado que está sendo buscado, no desenvolvimento de um fluxo de caixa quanto mais detalhadas as informações estiverem melhor será o controle sobre as remunerações e desembolsos (ZDANOWICZ, 2004).

2.3.3.1 Fluxo de caixa realizado

Silva E. (2006) destaca que o principal propósito do fluxo de caixa realizado é revelar o comportamento das entradas e saídas financeiras em um dado momento, e o seu estudo serve como base para as projeções futuras, pois demonstra qual o melhor caminho a adotar.

Para Rosa e Silva (2011), o fluxo de caixa realizado possui como propósito expor ao gestor como foi o fluxo de embolsos e dispêndios do caixa em um dado momento, também deve ser confrontado com o fluxo de caixa projetado, e se houver oscilações

averiguar se sucederam por falha da projeção ou na administração.

2.3.3.2 Fluxo de caixa projetado

Tófoli (2008) menciona que o fluxo de caixa projetado pode ser produzido em curto ou em longo prazo, em curto prazo pode detectar os excessos ou faltas de dinheiro na empresa e assim propor a melhor estratégia para organização, já em longo prazo pode apurar a capacidade que a organização tem em se autofinanciar e saber o capital de giro e sua necessidade de financiamento.

Andrich e Cruz (2013) ressaltam que a projeção do fluxo financeiro traz algumas vantagens, como o planejamento adiantado de ações de financiamento e investimento, que se fossem tomadas de última hora, não seriam tão adequadas.

2.3.3.3 Fluxo de caixa direto

Conforme Hoji (2014), a forma de produção do fluxo direto de caixa apresenta uma visualização simples para a observação dos embolsos e gastos de origem da operação da empresa. O fluxo direto de caixa inicia-se pelas vendas, são somadas todas as demais entradas e diminuídas todas as saídas de capital, dessa forma, é possível contemplar as principais movimentações do caixa (MARION, 2002).

Abaixo, a figura 2 exibe um exemplo de fluxo de caixa pelo método direto.

Figura 2 – Exemplo de fluxo de caixa direto

DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA - MÉTODO DIRETO
Fluxos de caixa das atividades operacionais:
Recebimento de clientes (+)
Pagamento de fornecedores (-)
Pagamento a empregados (-)
Pagamento de seguros (-)
Pagamento de Impostos e outras despesas legais (-)
Recebimento de seguros (+)
Caixa líquido resultante das atividades operacionais (=)
Fluxos de caixa das atividades de investimento:
Recebimento por venda de imobilizado ou intangível (+)
Pagamento por aquisição de imobilizado ou intangível (-)
Pagamento por aquisição de outras empresas (-)
Caixa líquido resultante das atividades de investimento (=)
Fluxos de caixa das atividades de financiamento:
Recebimento por empréstimos obtidos (+)
Recebimento por emissão de ações (+)
Pagamento por aquisição de ações próprias (-)
Caixa líquido resultante das atividades de financiamento (=)
Aumento/diminuição do líquido de caixa e equivalentes de caixa (=)
Caixa e equivalentes de caixa - início do ano
Caixa e equivalentes de caixa - final do ano

Fonte: Quintana (2009).

Para Padoveze e Martins (2014), o método direto divulga toda a circulação do saldo de caixa do período, coletando as informações típicas dos ingressos e egressos de numerários constante das contas dos disponíveis (caixa, bancos e aplicações financeiras).

2.3.3.4 Fluxo de caixa indireto

O fluxo indireto também é designado como método de reconciliação, pois ele compõe o lucro líquido e o caixa procedente das operações, ele é similar à Demonstração das Origens e Aplicação de Recursos (DOAR), porque divulga as variações geradas pelas operações, as origens e aplicabilidade de capital (HOJI, 2014). Ching, Marques e Prado (2010) comunicam que o fluxo indireto parte do lucro líquido resultante da Demonstração de Resultados do Exercício (DRE) e reconcilia para o caixa líquido das operações, e também apresenta itens como depreciação, contas a receber e estoques.

A figura 3, a seguir, apresenta um exemplo de fluxo de caixa pelo método indireto.

Figura 3 – Exemplo de fluxo de caixa indireto

DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA - MÉTODO INDIRETO

Fluxos de caixa das atividades operacionais:

Lucro líquido antes do imposto de renda e da contribuição social

Ajustes:

Depreciação e amortização (+)

Provisão para devedores duvidosos (+)

Aumento/diminuição em fornecedores (+/-)

Aumento/diminuição em contas a pagar (+/-)

Aumento/diminuição em clientes (+/-)

Aumento/diminuição em estoques (+/-)

Imposto de renda e contribuição social pagos (-)

Caixa líquido resultante das atividades operacionais (=)

Fluxos de caixa das atividades de investimento:

Recebimento por venda de imobilizado ou intangível (+)

Pagamento por aquisição de imobilizado ou intangível (-)

Pagamento por aquisição de outras empresas (-)

Caixa líquido resultante das atividades de investimento (=)

Fluxos de caixa das atividades de financiamento:

Recebimento por empréstimos obtidos (+)

Recebimento por emissão de ações (+)

Pagamento por aquisição de ações próprias (-)

Caixa líquido resultante das atividades de financiamento (=)

Aumento/diminuição do líquido de caixa e equivalentes de caixa

Caixa e equivalentes de caixa - início do ano

Caixa e equivalentes de caixa - final do ano

Fonte: Quintana (2009).

Neste artigo, foi produzido um fluxo de caixa adaptado ao método direto em função da pouca complexidade e poucas informações disponíveis da empresa estudada para fazer um fluxo de caixa mais robusto, além disso, a proprietária da empresa não investia e realizava financiamento, portanto, o tratamento dos dados foi através das movimentações realizadas ao longo do semestre.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este artigo identificou-se como um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa, descritiva, exploratória, bibliográfica e documental. A microempresa avaliada foi um restaurante localizado em Vila velha/ES, e a coleta do material ocorreu por meio do

acesso a uma agenda onde a proprietária do restaurante anotou todas as movimentações do caixa referente aos meses de Junho a Novembro de 2021.

Para Minayo, Deslandes e Gomes (2009), a pesquisa qualitativa se dedica a certa organização ou grupo social, ela é relevante para o levantamento de dados, onde o intuito é conseguir informações profundas e ilustrativas para identificar os aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

Segundo Richardson (2008), os estudos de categoria descritiva buscam investigar as particularidades de um fenômeno e o descrevem do mesmo jeito, ou seja, sem manipulá-los. A pesquisa exploratória tem como objetivo possibilitar ao pesquisador maior vinculação com o problema, com o intuito de deixá-lo mais claro ou a constituir hipóteses (GIL, 2002).

Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), a pesquisa bibliográfica busca esclarecer um problema a partir de publicações em livros, artigos, dissertações ou teses, seu objetivo é conhecer os materiais que possuem uma contribuição cultural ou científica sobre certo assunto, tema ou problema. Para Vergara (2007), a pesquisa documental é realizada com dados de documentos ou relatórios de trabalho que não ficam disponíveis para o público geral.

Conforme Gil (2002), os dados obtidos por meio de observações diretas e entrevistas sistemáticas, em arquivos públicos ou privados, permite realizar um estudo mais profundo na instituição, caracterizando, assim, a pesquisa como um estudo de caso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para alcançar o resultado desta pesquisa, foram reunidos os dados fornecidos pela proprietária da empresa, que foram os registros de todas as suas vendas e as suas despesas diárias, nos meses de Junho a Novembro de 2021, e através do Excel, foi possível elaborar o fluxo de caixa do estabelecimento, conforme mostra a figura 4.

Figura 4 – Fluxo de caixa do restaurante

FLUXO DE CAIXA 2021						
	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
1 ENTRADAS						
Vendas do mês	R\$ 26.226,15	R\$ 29.539,95	R\$ 29.842,10	R\$ 27.846,00	R\$ 24.715,90	R\$ 27.634,02
1.1 TOTAL DAS ENTRADAS	R\$ 26.226,15	R\$ 29.539,95	R\$ 29.842,10	R\$ 27.846,00	R\$ 24.715,90	R\$ 27.634,02
2 SAÍDAS						
Aluguel	R\$ 800,00	R\$ 800,00	R\$ 800,00	R\$ 800,00	R\$ 800,00	R\$ 800,00
Embalagens/Descartáveis	R\$ 642,79	R\$ 610,66	R\$ 401,58	R\$ 524,46	R\$ 540,00	R\$ 543,90
Energia	R\$ 320,00	R\$ 315,00	R\$ 316,00	R\$ 252,00	R\$ 305,00	R\$ 301,00
Gás	R\$ 320,00	R\$ 400,00	R\$ 240,00	R\$ 325,00	R\$ 540,00	R\$ 450,00
Gasolina	R\$ 500,00	R\$ 600,00	R\$ 600,00	R\$ 400,00	R\$ 500,00	R\$ 600,00
Imposto	R\$ 1.442,44	R\$ 1.624,70	R\$ 1.641,32	R\$ 1.531,53	R\$ 1.359,37	R\$ 1.519,87
Pães	R\$ 532,50	R\$ 672,50	R\$ 602,15	R\$ 636,00	R\$ 583,00	R\$ 605,00
Pró-labore	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Refrigerantes	R\$ 879,35	R\$ 884,51	R\$ 575,20	R\$ 564,48	R\$ 702,00	R\$ 721,00
Salários (funcionários)	R\$ 3.165,00	R\$ 4.875,00	R\$ 3.900,00	R\$ 3.900,00	R\$ 4.875,00	R\$ 3.900,00
Supermercado	R\$ 8.371,46	R\$ 8.621,78	R\$ 6.678,70	R\$ 7.122,64	R\$ 9.161,41	R\$ 7.991,20
Temperos	R\$ 138,09	R\$ 130,23	R\$ 94,16	R\$ 190,52	R\$ 147,00	R\$ 140,00
Verduras	R\$ 971,33	R\$ 931,99	R\$ 830,94	R\$ 825,00	R\$ 1.020,00	R\$ 915,85
2.1 TOTAL DAS SAÍDAS	R\$ 23.082,96	R\$ 25.466,37	R\$ 21.680,05	R\$ 22.071,63	R\$ 25.532,78	R\$ 23.487,82
3 DIFERENÇA (ENTRADAS-SAÍDAS)	R\$ 3.143,19	R\$ 4.073,58	R\$ 8.162,05	R\$ 5.774,37	-R\$ 816,88	R\$ 4.146,20
4 SALDO INICIAL DO CAIXA	-	R\$ 3.143,19	R\$ 7.216,77	R\$ 15.378,83	R\$ 21.153,20	R\$ 20.336,31
5 SALDO FINAL DO CAIXA (3+4)	R\$ 3.143,19	R\$ 7.216,77	R\$ 15.378,83	R\$ 21.153,20	R\$ 20.336,31	R\$ 24.482,51

Fonte: elaboração própria.

Através da figura 4, observou-se que no período avaliado a dona do restaurante trabalhou com folga financeira, uma vez que os saldos finais de caixa ficaram positivos. No fluxo de caixa não aparece o saldo inicial do mês de Junho de 2021, porque a gestora não tinha essa informação registrada. Verifica-se que o mês que teve a maior receita foi o mês de Agosto e também o menor número de desembolsos, em função disso, teve a maior sobra de caixa, já o mês de Outubro foi o único mês em que as despesas ficaram maiores que o faturamento.

No restaurante analisado, era a proprietária que realizava a gestão do negócio, mesmo sem o auxílio de ferramentas e conhecimento suficiente de finanças, ela que efetuava todas as compras dos alimentos, embalagens, condimentos, ou seja, tudo que era necessário para produção, ela também realizava a gestão da cozinha, além de contar com ajuda dos funcionários, são preparadas e servidas refeições e lanches no restaurante.

A partir do fluxo de caixa pronto, utilizou-se alguns indicadores financeiros e, assim, realizou-se um diagnóstico da situação financeira da empresa. O primeiro indicador utilizado foi o capital de giro que informa a quantia em dinheiro necessária para o restaurante funcionar. Seguindo o material do SEBRAE (2013), para descobrir o valor total de capital de giro, foi necessário realizar outros cálculos.

Inicialmente, apurou-se o prazo médio de vendas, conforme mostra a figura 5.

Figura 5 – prazo médio de vendas

Prazo médio de vendas	(%)	Número de dias	Média Ponderada em dias
a vista	80%	0	0
a prazo	20%	30	6
Prazo médio total			6 dias

Fonte: Adaptado do SEBRAE (2013).

Conforme indica a figura 5, uma vez que, 80% das vendas foram feitas à vista e 20% a prazo de 30 dias, então, calculou-se a média ponderada dos prazos de vendas, que é a multiplicação do percentual das vendas pelo número de dias concedidos aos clientes, o resultado foi que, em média, a empresa levava 6 dias para receber dos clientes.

Depois calculou-se o prazo médio de compras, conforme exhibe a figura 6.

Figura 6 – prazo médio de compras

Prazo médio de compras	(%)	Número de dias	Média Ponderada em dias
a vista	90%	0	0
a prazo	10%	30	3
Prazo médio total			3 dias

Fonte: Adaptado do SEBRAE (2013).

A figura 6 aponta que 90% das compras foram feitas à vista e 10% a prazo de 30 dias, e seguindo o mesmo raciocínio da média ponderada utilizado para calcular o prazo de vendas, o resultado foi que, em média, a empresa levava 3 dias para pagar os fornecedores.

Em seguida, estimou-se uma necessidade média de estoque de 5 dias, que é o prazo médio que os itens permanecem no estoque da empresa, que são as embalagens e descartáveis, o gás, os refrigerantes, os condimentos, e os alimentos não perecíveis. Não se levou em consideração itens alimentícios comprados diariamente como, por exemplo, os temperos verdes naturais (salsinha, cebolinha, coentro), frutas, carnes, verduras, pães, frios, etc.

A partir desses dados, apurou-se a necessidade líquida de capital de giro em dias, conforme indica a figura 7.

Figura 7 – Capital de giro em dias

Recursos da empresa fora do caixa	Nº de dias
1. Prazo médio de vendas	6 dias
2. Necessidade média de estoques	5 dias
Subtotal 1 (item 1 + 2)	11 dias
Recursos de terceiros no caixa da empresa	
3. Prazo médio de compras	3 dias
Subtotal 2	3 dias
Necessidade Líquida de Capital de Giro em dias (Subtotal 1 – Subtotal 2)	8 dias

Fonte: Adaptado do SEBRAE (2013).

O resultado da figura 7 indica que 8 dias era o prazo em que os gastos do restaurante ficavam maiores do que as receitas.

Após, calculou-se o caixa mínimo mensal, conforme demonstra a figura 8.

Figura 8 – Caixa mínimo

Caixa mínimo	
Junho	R\$ 7.102,45
Julho	R\$ 7.835,81
Agosto	R\$ 6.670,78
Setembro	R\$ 6.791,27
Outubro	R\$ 7.856,24
Novembro	R\$ 7.227,02

Fonte: elaboração própria.

Conforme indica a figura 8, o valor de caixa mínimo foi obtido através da soma dos custos fixos e variáveis mensais dividido por 26 dias, porque o restaurante não funciona aos domingos, e o resultado dessa conta multiplicado por 8 (necessidade líquida de capital de giro em dias).

E por fim, calculou-se a estimativa de estoque inicial de cada mês, conforme demonstra a figura 9.

Figura 9 – Estoque inicial

Estimativa de Estoque Inicial	
Junho	R\$ 4.073,10
Julho	R\$ 4.180,85
Agosto	R\$ 2.980,62
Setembro	R\$ 3.385,12
Outubro	R\$ 4.219,35
Novembro	R\$ 3.852,70

Fonte: elaboração própria.

Conforme exibe a figura 9, para cálculo da estimativa de estoque inicial, foram somados os valores dos itens que permanecem no estoque da empresa, que são as embalagens e descartáveis, o gás, os refrigerantes, os condimentos, e os alimentos não perecíveis, o valor total do supermercado foi feita uma proporção por 4 semanas.

A figura 10 mostra o valor total do capital de giro, resultante da soma do caixa mínimo mais estoque inicial.

Figura 10 – Capital de giro

Capital de Giro	
Junho	R\$ 11.175,54
Julho	R\$ 12.016,65
Agosto	R\$ 9.651,40
Setembro	R\$ 10.176,39
Outubro	R\$ 12.075,59
Novembro	R\$ 11.079,72
Capital de Giro do período	R\$ 66.175,30

Fonte: elaboração própria.

Conforme verifica-se na figura 10, esses são os valores que a gestora precisava manter no seu caixa para manutenção do restaurante, e analisando o fluxo de caixa, somente a partir do mês de Agosto a gestora conseguiu manter no caixa do restaurante o valor que cobrisse o capital de giro.

A seguir, a figura 11 exibe o total do faturamento do restaurante nos seis meses examinados.

Figura 11 – Faturamento

Faturamento	
Junho	R\$ 26.226,15
Julho	R\$ 29.539,95
Agosto	R\$ 29.842,10
Setembro	R\$ 27.846,00
Outubro	R\$ 24.715,90
Novembro	R\$ 27.634,02
Acumulado do período:	R\$ 165.804,12

Fonte: elaboração própria.

Conforme mostra a figura 11, nos seis meses que foram coletados os dados, o restaurante faturou o total de R\$ 165.804,12. Segundo informações passadas pela dona do restaurante, as fontes de entradas de recursos foram provenientes das vendas de lanches no café da manhã, almoço e lanches no café da tarde.

O restaurante possuía dois tipos de custos: fixos e variáveis. Através da figura 12, pode-se observar a separação entre os custos mensais do restaurante.

Figura 12 – Custos fixos e variáveis

Mês	Custos Fixos	Custos Variáveis
Junho	R\$ 9.285,00	R\$ 13.797,96
Julho	R\$ 10.990,00	R\$ 14.476,37
Agosto	R\$ 10.016,00	R\$ 11.664,05
Setembro	R\$ 9.952,00	R\$ 12.119,63
Outubro	R\$ 10.980,00	R\$ 14.552,78
Novembro	R\$ 10.001,00	R\$ 13.486,82
Custos Totais:	R\$ 61.224,00	R\$ 80.097,61

Fonte: elaboração própria.

Conforme se observa na figura 12, os custos variáveis foram maiores que os custos fixos, visto que eram em maior quantidade. Os custos fixos da empresa eram apenas o aluguel, a energia, o pró-labore e o salário dos funcionários, pois esses valores eram pagos independentemente da quantidade vendida. Os demais custos variavam conforme o volume de produção.

A figura 13 mostra a margem de contribuição, que é quantia em dinheiro que sobra da receita com as vendas do mês após retirar o valor dos custos variáveis.

Figura 13 – Margem de contribuição

Margem de Contribuição	
Junho	R\$ 12.428,19
Julho	R\$ 15.063,58
Agosto	R\$ 18.178,05
Setembro	R\$ 15.726,37
Outubro	R\$ 10.163,12
Novembro	R\$ 14.147,20
Acumulado do período:	R\$ 85.706,51

Fonte: elaboração própria.

A figura 13 mostra o que sobrou após o pagamento dos custos variáveis e, conforme visto o total dos custos fixos (figura 12), conclui-se que o restaurante conseguiu gerar caixa suficiente para pagar seus custos fixos mensais e ainda lucrar, exceto no mês de Outubro em que a diferença do período foi negativa.

A figura 14 descreve o ponto de equilíbrio do restaurante, o valor mínimo que era necessário vender em cada mês para que a empresa não tivesse prejuízo.

Figura 14 – Ponto de Equilíbrio

Ponto de Equilíbrio	
Junho	R\$ 19.593,34
Julho	R\$ 21.551,58
Agosto	R\$ 16.442,82
Setembro	R\$ 17.621,57
Outubro	R\$ 26.702,50
Novembro	R\$ 19.535,16
Acumulado do período:	R\$ 118.441,31

Fonte: elaboração própria.

Conforme se observa na figura 14, era a partir desses valores que a empresa começava a ter lucro. Em síntese, no mês de outubro a empresa necessitava vender R\$ 26.702,50, mas conforme constatou-se na figura 11, as vendas de outubro foram de R\$ 24.715,90, por isso, nesse mês o restaurante teve prejuízo. Já em setembro era preciso vender R\$ 17.621,57 e o restaurante teve uma receita de R\$ 27.846,00, portanto, o restaurante teve lucro no mês em questão.

A seguir, a figura 15 mostra a lucratividade do restaurante no semestre analisado.

Figura 15 – Lucratividade

Lucratividade	
Junho	11,98%
Julho	13,79%
Agosto	27,35%
Setembro	20,74%
Outubro	-3,31%
Novembro	15,00%
Acumulado do período:	14,77%

Fonte: elaboração própria.

Conforme se constata na figura 15, a lucratividade do restaurante, ou seja, o quanto o negócio efetivamente ganhou após diminuir todas as suas despesas, mostra que o restaurante teve lucro nos meses examinados, com exceção de Outubro. Em destaque ficou o mês de Agosto que teve uma lucratividade de 27,35%.

A partir dos indicadores financeiros utilizados para análise, conclui-se que o restaurante se encontrava saudável e estava conseguindo se manter com capital próprio embora a proprietária não realizasse uma gestão financeira rigorosa. Salienta-se que antes da elaboração deste artigo a gestora não possuía nenhum sistema informatizado de caixa e também não fazia uso de planilhas eletrônicas para controle dos ganhos e consumos.

A partir do objetivo proposto que foi verificar como o uso do fluxo de caixa auxiliou na gestão financeira de uma microempresa, observou-se que através da ferramenta fluxo de caixa conseguiu-se analisar todas as movimentações da empresa explorada e assim expor a sua real situação financeira em determinado intervalo de tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou o seguinte problema: “Como o uso fluxo de caixa auxilia na gestão financeira de uma microempresa?”, através da contextualização sobre o tema e pela análise dos resultados, conclui-se que o fluxo de caixa é um recurso simples, mas de grande relevância para o controle das finanças de um negócio, pois com esse instrumento o gestor consegue saber se sua empresa está operando com rendimento ou perdas.

A gestão do restaurante examinado era feita sem o conhecimento do total das suas vendas e do quanto era gasto no dia a dia, mas por meio deste artigo, foi desenvolvido um fluxo de caixa adaptado ao tipo de empresa e assim a gestora pode compreender como funcionava o caixa do seu restaurante, se havia excesso ou sobras de caixa.

Como uma parcela significativa das microempresas são dirigidas pelo próprio dono e sem auxílio de um profissional capacitado, esses empreendimentos sentem o reflexo da falta de gestão adequada, e alguns, com o passar do tempo, acabam falindo. A microempresa em questão apresentou resultado positivo ao final do período observado, mas percebeu-se que pela falta de conhecimento da gestora, poderia ter um rendimento muito maior, pois as sobras de caixa poderiam estar sendo empregadas em opções de investimento em curto ou médio prazo.

Em função da construção do fluxo de caixa, além do acompanhamento do total das vendas e gastos mensais, foi possível utilizar alguns indicadores de gestão que foram: capital de giro, faturamento, custos fixos e variáveis, margem de contribuição, ponto de equilíbrio e lucratividade. Assim, foi possível alcançar os objetivos do presente artigo, pois através do fluxo de caixa realizado a gestora conseguiu ter uma visão mais ampla de como o negócio estava funcionando.

Diante disso, demonstrou-se o quanto é importante o uso do fluxo de caixa na rotina das instituições por sua utilidade como um instrumento de controle financeiro, e dada a sua pouca complexidade não há motivos para uma empresa não fazer o uso dessa ferramenta.

REFERÊNCIAS

ANDRICH, Emir Guimarães; CRUZ, June Alisson Westarb. **Gestão financeira moderna: uma abordagem prática**. Curitiba: Intersaberes, 2013. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/9756/pdf/0?code=g1rOhauZAJC304Gx4p8npLCFHkHWshFoGTRYbz/5eIQdeC8129ySHmd5Rq1luyBUhYhGLblypEsT+FEBxl+JZw==>>>. Acesso em: 29 set. 2021.

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças corporativas e valor**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BORTOLI, Cassiana. **Contabilidade e gestão de micro e pequenas empresas**. Curitiba: Contentus, 2020. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/184710/pdf/0?code=bckbN1l+4sgNdC154SsM3iZpw1M7evxPzujrjqJM5pZhdliinFXLw49K0ghngSWATgydFPolq4G5UBmIQkluYw==>>. Acesso em: 17 set. 2021.

BRASIL. **Lei complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm>. Acesso em: 29 ago. 2021.

CASALI, Maristela da Silva; TRETER, Jaciara. **A importância da utilização da gestão financeira em microempresas da cidade de Cruz Alta**. 2015. 25 f. Curso de Ciências Contábeis, Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/11/A-importancia-da-utilizacao-da-gestao-financeira-em-microempresas-da-cidade-de-Cruz-Alta.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2021.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHING, Hong Yuh; MARQUES, Fernando; PRADO, Lucilene. **Contabilidade e finanças para não especialistas**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1799/pdf/0?code=oD5GvQjop9ztlx0XmN0RUeFo4ecgF0YnMcXOJ3ZzbZJ4JrGTNISD6NleAe0UmZFLCm8DIEGizFmuykbizsdg/w==>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

CUNHA, Adriano Sérgio da; SOARES, Thiago Coelho. Aspectos relevantes do planejamento no crescimento das micro e pequenas empresas (mpe). **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v. 4, n. 3, p. 15-39, set-dez 2010. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/78d73427bf208a28e176c38dce845385/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2043071>>. Acesso em: 02 set. 2021.

DORNELAS, Jose Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, Lawrence Jeffrey; MADURA, Jeff. **Administração financeira: uma abordagem gerencial**. Tradução Maria Lucia G. L. Rosa; Revisão técnica: Rubens Famá. São Paulo: Addison Wesley, 2003.

GITMAN, Lawrence Jeffrey. **Princípios de administração financeira**. Tradução técnica: Antônio Zoratto Sanvicente. 10. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2004.

_____. **Princípios de administração financeira**. Trad. Allan Vidigal Hastings; Revisão técnica: Jean Jacques Salim. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GROPPELLI, A. A; NIKBAKHT, Ehsan. **Administração financeira**. Tradução técnica: Célio K. Moreira. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira e orçamentária**: matemática financeira aplicada, estratégias financeiras, orçamento empresarial. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil 2001**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1898.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

KOTESKI, Marcos Antonio. As micro e pequenas empresas no contexto econômico brasileiro: pequenos empreendimentos geram emprego e renda, apesar do insuficiente apoio governamental. **Revista Fae Business**, Curitiba, n. 8, p. 16-18, maio 2004. Disponível em: <<https://img.fae.edu/galeria/getImage/1/16570546884843246.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2021.

LOPES, Bruno Fonseca. et al. Ferramentas de gestão financeira: uma pesquisa sobre o seu papel nas micro e pequenas empresas. **Libertas: Rev. Ciênc. Soc. Apl.**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 51-77, jan./jul. 2019. Disponível em: <<http://famigvirtual.com.br/famig-libertas/index.php/libertas/article/view/234>>. Acesso em: 02 out. 2021.

LUZ, Adão Eleutério da. **Introdução à administração financeira e orçamentária**. Curitiba: InterSaberes, 2015. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/26888/pdf/5?code=f8yWIsC9vA/HN8vNvA9jn4a6bFnZg0UCFF4U7mm2tnRXsz/n42QUkqTiUjDY1aUsdv++0Fg51xB7lCJSYfZbaQ==>>. Acesso em 12 set. 2021.

LUZ, Érico Eleutério da. **Gestão financeira e orçamentária**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/183208/pdf/0?code=k28T7rGHnF/4qQmfAoOZvYTNg+Jm3m2ywOqjGOBDhzSkq7dDMQlrLpJvadd0K/FinOnGo68FWRch92DRQw4aSQ==>>. Acesso em 28 set. 2021.

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis**: contabilidade empresarial. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços**: abordagem básica e gerencial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEGLIORINI, Evandir; VALLIM, Marco Aurélio. **Administração financeira**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/167784/pdf/0?code=88Z8fylkDKyQsr9Cu+CVdV8cUx6JGIzIoqEbbxjaltlmCtqBQXIQ3uTqy1+mXJSc5zBXydeynhfoFTEXCQINQg==>>. Acesso em 29 set. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, André do. **Gestão do capital de giro**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/22135/pdf/6?code=8uQD8zZPqnXLzBMx0jTePcitamCotgboNeaPBBLrf5pF5tsLEpH8KL9O0QJCF/Rdaml1ui8VuNQowr+B1VdFaQ==>> Acesso em: 09 nov. 2021.

OTTOBONI, Célia; PAMPLONA, Edson de Oliveira. **Proposta de pesquisa para avaliar a necessidade de se medir o desempenho financeiro das micro e pequenas empresas**. 2001. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2001_TR31_0054.pdf> Acesso em: 27 out. 2021.

PADOVEZE, Clóvis Luís; BENEDICTO, Gideon Carvalho de. **Análise das demonstrações financeiras**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

PADOVEZE, Clóvis Luís; MARTINS, Miltes Angelita Machuca. **Contabilidade e gestão para micro e pequenas empresas**. Curitiba: InterSaberes, 2014. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/26762/pdf/0?code=vDI6QCIPzQGnRxC4mFczm6vUAA+JV/PCmL/tRLPTuJtUf7T16fdKtDgjSq7rWefp9aaBC/rmyXf+twp4Z9/qSw==>>. Acesso em: 26 out. 2021.

PISA, Beatriz Jackiu; LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa. **Administrando micro e pequenas empresas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

QUINTANA, Alexandre Costa. **Fluxo de caixa: demonstrações contábeis de acordo com a lei 11.638/07**. Curitiba: Juruá, 2009.

RAMOS FILHO, Frederico; ALTAF, Joyce. **Análise da importância dos principais instrumentos de controle financeiro por micro e pequenos empresários de Juiz de Fora**. 2016. 24 p. Gestão Econômica e Financeira. Disponível em: <https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_253.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROSA, Paulo Moreira da; SILVA, Almir Teles da. Fluxo de caixa: instrumento de planejamento e controle financeiro e base de apoio ao processo decisório. **Revista Brasileira de Contabilidade**, [S.l.], n. 135, p. 81-95, ago. 2011. ISSN 2526-8414. Disponível em: <<http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/425>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

ROSS, Stephen A. et al. **Fundamentos de administração financeira**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração financeira da pequena e média**

empresa. São Paulo: Atlas, 2001.

SANTOS, Lucas Maia dos; FERREIRA, Marco Aurélio Marques; FARIA, Evandro Rodrigues de. Gestão financeira de curto prazo: características, instrumentos e práticas adotadas por micro e pequenas empresas. **Revista de Administração da UNIMEP**, Viçosa, v. 7, n. 3, p. 1-23, Setembro/Dezembro – 2009. Disponível em: <<http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/145/386>>. Acesso em 11 set. 2021.

SATO, Kiyoshi. **Importância do planejamento do fluxo de caixa para gestão de uma microempresa do setor de combustíveis.** 2012. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Negócios Financeiros) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77557>>. Acesso em: 12 set. 2021.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Como elaborar um plano de negócios.** Brasília: 2013.

_____. **Sobrevivência das empresas no Brasil.** Brasília-DF: Sebrae, 2016. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-102016.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

_____. **Qual a receita bruta e o número de empregados para mei, me e epp?.** 2017. Disponível em: <<https://www.sebrae-sc.com.br/blog/numero-de-empregados-receita-bruta-para-mei-me-epp/>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

_____. **Lei geral da micro e pequena empresa.** 2018. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/lei-geral-completa-10-anos-e-beneficia-milhoes-de-empresas,baebd455e8d08410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

_____. **Sebrae: painel de empresas.** 2020. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/totaldeempresas-11-05-2020/>>. Acesso em: 26 out. 2021.

_____. **Confira as diferenças entre micro empresa, pequena empresa e mei.** 2021. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-as-diferencas-entre-microempresa-pequena-empresa-e-mei,03f5438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Ana Paula Dairel; JESUS, Clesio Marcelino de. A importância do fluxo de caixa na gestão da microempresa: um estudo realizado na auto mecânica dairel, em Coromandel/MG. **Revista Agroveterinária, Negócios e Tecnologias**, Coromandel, v. 1, n. 1, p. 36-61, ago./dez. 2016. Disponível em:

<<https://ojs.fccvirtual.com.br/index.php/REVISTA-AGRO/article/view/3>>. Acesso em: 28 set 2021.

SILVA, Edson Cordeiro da. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas**. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas**: guia prático e objetivo de apoio aos executivos. 2. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas**: guia de sobrevivência empresarial. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SILVA, José Pereira. **Análise financeira das empresas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

TACHIZAWA, Elio Takeshy; FARIA, Marília de Sant'Anna. **Criação de novos negócios**: gestão de micro e pequenas empresas. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

TÓFOLI, Irso. **Administração financeira empresarial**: uma tratativa prática. Campinas: Arte Brasil, 2008.

VEIGA, Windsor Espenser; SANTOS, Fernando de Almeida. **Contabilidade de custos**: gestão em serviços, comércio e indústria. São Paulo: Atlas, 2017.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa**: uma decisão de planejamento e controle financeiro. 8. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

_____. **Fluxo de caixa**: uma decisão de planejamento e controle financeiro. 10. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

ZEDEBSKI, Edson Miguel. **Gestão financeira**. Curitiba: Contentus, 2020. Disponível em:

<<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/184498/pdf/4?code=SdgznzSLTCEn1TogxBsOqkHncLZ0b12HUGwKA9Tt02CFp2ncAY92ekLZF57Es0kM1UJUweEG8HHnHgZ+KE+Akg==>>. Acesso em: 31 out. 2021.

ZUCCHI, Eunice; PRADO, Jocimar D. **Gestão financeira**: um estudo da utilização do fluxo de caixa em micro-empresas do ramo de oficinas mecânicas. Congresso internacional de administração, 2007, Ponta Grossa: UEPG, 2007. Disponível em: <<http://ri.uepg.br/riuepg/handle/123456789/934>>. Acesso em: 25 set. 2021.